



E AGORA, CORAL?

Eduardo Lakschevitz (maio de 2020)

Toda tribo viva é bailarina.
(Lô Borges)

Esta é uma reflexão sobre o trabalho do regente coral nesses tempos de isolamento social. Não é uma receita pronta e não traz a chave para uma saída da crise em que nos encontramos. É simplesmente uma tentativa de pensar nos rumos dessa profissão, que tanto amamos e que está sofrendo efeitos negativos graves desde os primeiros dias dessa pandemia. Escrever sobre isso hoje envolve, claro, uma certa especulação, pois estamos no meio de algo inédito, ou ao menos que não acontece há alguma gerações. Mas a pandemia afeta a todos e, por isso, esse exercício é fundamental. Não pretendo dar conselhos ou indicar tendências aqui. Minha ideia é provocar a reflexão sobre nossa atividade profissional. Se por um lado, há uma questão de sobrevivência batendo à nossa porta, pois, em maioria, estamos acostumados ao regime de trabalho sem vínculo empregatício, o que nos deixa "a descoberto" na atual situação, por outro, até paixão que temos pelo cantar junto está em cheque.

Estamos entrando na nona semana de quarentena. Já há um infinidade de publicações sobre o momento em que vivemos. Vão desde a mais rigorosa pesquisa científica até aquelas meramente opinativas, passando pela utilização política de fatos tão trágicos. Debates, transmissões ao vivo e palestras começam a mostrar o início de uma consciência de um novo modelo de relações humanas provocado pela atual pandemia que se instalou. Os ambientes virtuais, redes sociais e aplicativos de conferências tornaram-se os principais veículos de informação, devido à sua maior flexibilidade e capilaridade. São comentários sobre o presente, coisas que estão acontecendo nesse exato momento, sobre as quais há descobertas diárias.

Independente da área, da abordagem ou opinião que carregam, essas comunicações ter um tema comum: a mudança. O debate, que há dois meses discutia quando poderíamos voltar à normalidade, mudou o foco nas últimas semanas, com as evidências cada vez mais fortes de que a "normalidade" tal qual conhecemos nunca mais retornará. A expressão "novo normal" tornou-se comum, não como definição de algum modelo, mas como uma grande interrogação. Alguns já até evitam usar termo "pós-pandemia", aceitando que esta não acabará num futuro próximo, preferindo a expressão "pós-confinamento", sugerindo os aspectos da vida social que mudaram agora estão aí para ficar.



Encontros

Há alguns anos, numa conversa sobre qual seria uma boa definição de música coral, ouvi do Prof. Carlos Alberto Figueiredo (um papo sempre enriquecedor), a seguinte frase: “só não conheço um coro que não tenha cantores”. Simples e direto! Esse é o fator mais básico de nossa profissão. Tudo o que construímos depende de juntar pessoas, o que fazemos basicamente em dois momentos: internamente (regentes, cantores, preparadores, instrumentistas etc.) e na nossa relação com o mundo (público, produção etc.). A profissão do regente coral depende da aglomeração de pessoas, exatamente o que foi colocado em risco pelas regras do distanciamento social em vigor. Se por algum momento chegamos a encará-lo como uma pausa, uma cesura que nos preparasse para “quando tudo isso acabar”, hoje estamos percebendo a marca mais profunda que nos foi imposta, e que ainda permanecerá por muito tempo.

Esse não é um problema exclusivo dos coros, mas sim de todas as artes de performance. O cantor paraibano Adeildo Vieira, em conversa com o Prof. Eduardo Nóbrega transmitida recentemente¹, mencionou a dificuldade financeira pela qual muitos músicos estão passando, e sua estreita relação com esse fato: “Dependemos do público. Quanto mais gente em nosso show, tanto melhor. Por isso estamos sempre divulgando nosso trabalho”. Zac Filkelstein, no blog *The Middleclass Artist*, diz que a pergunta mais importante do momento é: “Como poderemos apresentar concertos em grande teatros sob as regras do distanciamento social? Financeiramente isso é viável?”. Ele analisa o caso da Orquestra Sinfônica de Boston, através dos mapas da platéia de seu teatro, identificando mudanças no posicionamento da orquestra e na disposição dos assentos, além de possíveis mudanças nos hábitos sociais do público. Sugere que a organização de concertos se tornou financeiramente impossível, a não ser que haja um enorme aporte de verba pública (o que provavelmente não acontecerá, em função da recessão econômica que se instalou a reboque da crise sanitária). Menciona, ainda, questões de responsabilidade legal que podem surgir contra organizadores de grades concertos.

Mas dentre as práticas musicais é a atividade coral a mais atingida pela pandemia e suas consequências. Num ensaio de coro, a aglomeração de pessoas não é o único problema. A articulação de consoantes, por exemplo, que é a única ferramenta para tornar um texto inteligível, só se dá através de emissão deliberada e contínua de gotículas de saliva. Isso sem falar nas muitas técnicas de ensaio que envolvem contato físico entre cantores. Nossos encontros são vetores muito eficazes de transmissão viral. Nesse sentido, somos um caso grave, que nem mesmo os dois metros de distância, o uso de máscaras ou o álcool gel ameniza.

Após suspender por tempo indeterminado as atividades dos coros em sua universidade, o Prof. Scott Anderson publicou no dia 15 de março, na página da *American Choral Directors*

¹ Usando o *Instagram* o Prof. Eduardo Nóbrega, da UFPB, vem entrevistando uma série de artistas, que refletem sobre a situação dessa área no Brasil durante a pandemia.



Association - Idaho no Facebook, um arrazoado sobre a necessidade imperiosa dessa ação. Argumenta, depois de ter conversado com diversos médicos, que o canto em conjunto é uma atividade particularmente propícia para a disseminação desse vírus. Ironicamente, diz ele, somos nós, regentes, os mais suscetíveis a receber toda essa carga viral, uma vez que trabalhamos à frente, na “mira” de todos. A história do *Skagit Valley Chorale* também exemplifica o perigo potencial de um ensaio coral. O grupo manteve seu ensaio normal no último dia 10 de março. Ainda não havia notícia de casos nem política de isolamento em sua cidade, Mount Vernon, apesar de casos já registrados em Seattle, a capital mais próxima. Como resultado, três semanas depois contabilizava 45 infectados, sendo que dois deles faleceram.

Outro olhar

Uma reflexão dos regentes sobre esse contexto tão difícil em que sua profissão se encontra e sobre as possibilidades no futuro, que vem sendo chamado de “novo normal”, não pode mais ser baseada somente no aspecto técnico-estético de nossa atividade. Mais que discutir repertório, preparação vocal, gestos de regência ou estilos interpretativos, por exemplo, é hora de olhar a atividade do regente coral pelo ângulo das relações pessoais, tempo, financiamento e motivações envolvidas na cantoria coletiva. É preciso compreender com mais profundidade as pessoas, a construção de suas relações dentro de um coro, bem como para as relações entre a atividade coral e a sociedade de forma mais ampla. E fazer isso nem é uma novidade. Howard Becker (*Art Worlds*, 1982), Ruth Finnegan (*The Hidden Musicians*, 1989) e Christopher Small (*Musicking*, 1998) são exemplos de autores que analisam as práticas musicais ocidentais sob prismas alternativos ao técnico-estético de forma coerente e inovadora. Revisitar essas leituras é uma ótima ferramenta, um ponto de partida, nessa discussão sobre música coral e o trabalho do regente no futuro.

Alternativa

Nas últimas semanas, atividades musicais se destacaram nas redes sociais. Fomos “bombardeados” com vídeos e gravações de pessoas cantando e tocando em suas varandas, fazendo música em conjunto nas suas casas, usando programas de teleconferência para gravar músicas com seus grupos, orquestras, coros etc. Muitos notam nessa prática, e com toda razão, evidências da importância do fazer artístico para a sociedade nesse momento de grande dificuldade. A arte é insubstituível! Os motivos para tais manifestações podem ser vários: necessidade de socialização, demonstração de força (“Isso não me abalará!”), manutenção do público, principalmente no caso de grupos profissionais, ou até manifestação de convicções políticas.

Também vem sendo frequente a busca por informações sobre como dar continuidade a um grupo em funcionamento através de coros virtuais², uma atividade que pode ao menos manter o contato entre as pessoas e reforçar o espírito de grupo, mas que apresenta muitos obstáculos, por mais sofisticada que seja. Questões de latência, velocidade de internet dos participantes e qualidade do som, além da maior dificuldade de concentração dos cantores, por exemplo, são elementos significativos em ensaios virtuais. Há atitudes alternativas, como desligar-se o som dos cantores durante o ensaio (um pouco estranho, mas tem acontecido), trabalhar-se por meio de vídeos, para montagem posterior, ou até “mudar de assunto”, usando esse tempo para aulas de teoria musical, técnica vocal ou história da música, algo que muitos nunca fizeram exatamente por falta de tempo. Filipe Matos, regente de coros de empresas no Rio de Janeiro, resalta a via terapêutica desse trabalho, análoga aos projetos que ajudam pessoas a continuar sua atividade física mesmo dentro de casa. “Faço vídeos com ensaios e envio aos coristas, o que acaba funcionando como um ‘kit de ensaio’ ao contrário, pois não é só para ouvir, mas também para interagir. De alguma maneira, tenho percebido os cantores sentindo-se mais “criadores” que “repetidores” na música que fazem”.

De todo jeito, esta é uma via alternativa real (até agora muitos regentes a achavam absurda), que vai procurando sua evolução. Já há oferecimento de softwares especializados em hospedar ensaios de coros virtuais, e até mesmo concurso de coros online. Tal como as instituições educacionais em todos os níveis, a música coral está buscando alternativas e o uso de tecnologia pode muito bem estar sendo adaptado para essa nova realidade.

E depois?

Como diz o economista Eduardo Moreira toda crise é um "rearranjo das peças no tabuleiro". Essa crise parece mais assustadora que qualquer outra que já vimos num passado recente e esse recolocação de peças pode, na verdade, propor um jogo completamente diferente. Não há respostas exatas no momento, nem caminhos definidos. Ao contrário, há questões em aberto e muita especulação, potencializadas pela sensação de que no Brasil a crise é muito mais aguda que alhures, pois se soma a seriíssimos problemas políticos e econômicos.

Além disso, precisamos considerar o desgaste que toda essa situação gerou. Não estamos em nosso estado psicológico mais calmo e centrado. Embora todos estejam buscando soluções para voltar a fazer música com seus grupos, cada um tem seu tempo próprio de assimilar e reagir a tudo o que está acontecendo.

² O conceito *Virtual Choir* foi apresentado pela primeira vez numa palestra do compositor Eric Withacre no TED Talks, em março de 2010, com 184 cantores de diversas cidades. O compositor continua a desenvolver esse projeto, que já foi apresentado em diversas outras ocasiões via *Youtube*.

Cenários

Construir possíveis cenários tem sido atividade constante. Recentemente várias organizações norte-americanas ligadas ao canto e à música coral organizaram uma mesa redonda virtual, discutindo a situação atual com alguns médicos e pesquisadores convidados. O Prof. Timothy Powell publicou um resumo do evento, destacando de forma muito clara e realista que não haverá espaços seguros para a prática coral até que uma vacina seja encontrada (especula-se entre 1 e 2 anos), ressaltando que máscaras não protegem o necessário num ensaio e que cantores são “super-disseminadores”. As mesmas questões se aplicam à realização de concertos e outros eventos públicos.

Por mais que esta seja uma constatação dura para todos nós envolvidos nessa arte, provavelmente a atividade coral não será mais como a conhecemos hoje. Mesmo depois de descoberta a tal vacina (e aqui expresse meu otimismo), os encontros de grupos de pessoas responderão a novos protocolos. Questões sobre segurança, transporte, tempo, legislação, público etc. influenciarão diretamente nossa atividade. Nós, regentes, trabalhamos dentro de um contexto social maior, ao qual precisamos estar atentos.

- Depois desse período de pandemia e isolamento social o mundo será mais globalizado ou mais fechado? As pessoas estarão mais solidárias ou se tornarão ainda mais egoístas?
- Haverá uma desconfiança tão grande a ponto de fazer com que as pessoas evitem participar de ajuntamentos? Ou o desejo de se encontrar, para recuperar o tempo perdido, aumentará o número de coros e cantores? Haverá menos cantores faltosos aos ensaios? (Sonhar não custa...)
- A noção de coletivo, que sempre foi usada para a música coral, terá novo significado, dessa vez mais literal. E qual o significado do termo “liderança” nessa nova conjuntura?
- Que tipos de novos conjuntos e coros surgirão dessa história? Alguma possibilidade de continuidade de processos e recursos que fomos obrigados a usar agora? Haverá ainda novas aplicações de tecnologia? As aulas online, por exemplo, já mostram sinais que estão aqui pra ficar.

Competências

Quais as competências necessárias para o regente coral nesse novo cenário de incerteza? Como trabalharemos nesse futuro que se mostra tão incerto? Como a crise atual modificará nossa profissão? Como viveremos de nossa arte? Como nos prepararmos para essa nova etapa? Todas essas são perguntas por ora sem respostas objetivas. Mas talvez alguns aspectos de nosso trabalho possam vir a ser mais importantes nessa nova conjuntura.

Delegar o controle total e colocar o cantor definitivamente no centro das atenções. Trata-se de algo difícil, que não está na natureza de muitos de nós, regentes. O termo “coletivo” se torna importante. Encarar o coro como uma verdadeira co-produção, onde as pessoas precisam se envolver de forma mais interativa. Aceitar e fomentar o engajamento dos cantores, potencializando os aspectos do ensaio coral que valorizem sua individualidade. Entender que por vezes nem no palco estaremos.

Entender nossa função nessa nova configuração. Se olharmos com atenção para a música coletiva dessas recentes apresentações virtuais (coros, orquestras e bandas, principalmente), quase sempre chama atenção a ausência de um regente gesticulando à frente do grupo. É preciso repensar nossa atividade, perguntando mais “por que?” e menos “como?”.

Saber justificar a importância da cantoria coletiva numa sociedade que repensa os encontros das pessoas. É comum ouvirmos respostas emotivas e até metafóricas de músicos quando indagados sobre processos de seu trabalho, o que, muitas vezes os coloca em posição distante da sociedade. Precisamos entender o contexto em que estamos inseridos e saber evidenciar com coerência, dentro deste, a importância de se cantar junto.

Usar criticamente as ferramentas tecnológicas. Será que nossa atividade se sustenta sem o contato humano, sem o encontro? A realização de ensaios virtuais junto com os presenciais será uma realidade no futuro? As formas de aprendizado e desenvolvimento técnico poderão acontecer com ajuda da tecnologia? Alguma habilidade e conhecimento nessa área parecem cada vez mais importantes para o trabalho do regente.

Capacidade de escrever música, de organizar a cantoria. Arranjos e adaptações são cada vez mais importantes. As mudanças pelas quais passamos exigem capacidade de ajustes rápidos a situações, como uma maior rotatividade de participantes e uma por resultados rápidos, por exemplo.

Saber lidar com o tempo. O tempo do cantor é o ativo cada vez mais precioso de um grupo coral, seja em encontros (que devem ser mais valorizados) ou virtualmente, devido à quantidade de opções e distrações possíveis.

Inovação. A capacidade de inovar de forma disruptiva e radical, ou de aceitar essas inovações, é tarefa árdua, pois não somos muito propensos a isso. Tendemos a ser conservadores. Mesmo em tempos tão difíceis, aceitar mudanças, ainda mais dessa forma tão radical, é tarefa ingrata. No caso dos regentes corais, é também um exercício que pode confrontar temas considerados basais na atividade coral há séculos, mas do qual não temos mais como escapar. Precisamos distinguir o que é essencial em nosso trabalho, o que é meio e o que é fim, e como nos encaixamos nesse novo contexto social que está sendo construído. Cada vez mais, um conselho do Samuel Kerr é precioso: “lembre-se que padrão com “t” de técnica vira “patrão” e convenção com “t” de técnica vira “contenção”.

organizando a
Cantoria

Esperança

A cantoria é um motivo de esperança. Basta notar a alegria demonstrada por todos que participam dos coros virtuais, por hora o veículo que encontramos para (en)cantar. Não são apenas vozes a entrar em cena. São sorrisos, olhares expressivos, corpos em movimento, entrega. Dessa cantoria vem conforto, o abraço que hoje não podemos dar. Como diz o poeta, "toda tribo viva é bailarina". E nós estamos vivos. Ajustando a rota e com algum sofrimento, é verdade, mas muito vivos. Que mudem os palcos, os encontros ou as formas. Nós continuaremos a mudar o mundo.

Livros citados

BECKER, H. **Art Worlds**. Berkeley: University of California Press, 1982.

FINNEGAN, Ruth. **The hidden musicians: music-making in an English town**.
Middletown: Wesleyan University Press, 1989.

SMALL, Christopher. **Musicking: the meanings of performing and listening**. Middletown:
Wesleyan University Press, 1998.

Sites consultados

[A choir decided to go ahead with rehearsal. Now dozens of members have COVID-19 and two are dead.](#)

[Como será o mundo depois do coronavírus, segundo Yuval Noah Harari.](#)

[Dear music teachers, please stop asking ho to create a virtual choir video.](#)

[Eric Whitacre: Um coro virtual com a força de 2.000 vozes](#)

[How do you conduct virtual choir practices with more than 300 kids? The Philadelphia Boys Choir is learning how.](#)

[Diário de confinamento: 'A Nova Normalidade'](#)

<https://www.virtualchoir.net>

[Scott Anderson: carta a "regentes, professores, cantores e alunos".](#)

[The first online choir competition of Interkultur!](#)

[The Post-Covid Concert Hall Catastrophe: Why Audience Attendance is the Least of Our Problems.](#)

[Who Will Win the Fight for a Post-Coronavirus America?](#)

[Why You Should Ignore All That Coronavirus-Inspired Productivity Pressure.](#)